

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

Thiago Lourenço Pacheco Sad

DO REFLEXO VAZIO DE NARCISO À IMENSIDÃO CATASTRÓFICA

Belo Horizonte

2017

Thiago Lourenço Pacheco Sad

DO REFLEXO VAZIO DE NARCISO À IMENSIDÃO CATASTRÓFICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Dra. Cassandra Pereira França

Belo Horizonte

2017

Thiago Lourenço Pacheco Sad

DO REFLEXO VAZIO DE NARCISO À IMENSIDÃO CATASTRÓFICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Profa. Dra. Cassandra Pereira França (Orientadora)

Prof. Dr. Verlaine Freitas

Ma. Elisa de Santa Cecília Massa

Belo Horizonte, 05 de julho de 2017

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo apresentar uma síntese do conceito de narcisismo a partir do ponto de vista freudiano, acrescentando contribuições de dois autores contemporâneos: Luis Hornstein e Hugo Bleichmar. Pretende-se, inicialmente, entender a origem e funcionamento do conceito no aparelho psíquico para a manutenção e proteção do Eu, a fim de que essa instância possa se defender e se reatualizar quando necessário. Posteriormente, como ilustração do conceito, será utilizada uma versão atualizada do mito de Narciso, fazendo uma analogia com o filme Solaris (1972), uma vez que ambos compartilham entre si elementos compatíveis com a temática do Narcisismo, permitindo uma compreensão dos elementos psíquicos que levam os protagonistas a um final trágico nas duas tramas.

Palavras chave:

Narcisismo; Eu; Autoerotismo; Autopreservação; Mitologia.

ABSTRACT:

The present monograph aims to present a synthesis of the concept of narcissism from the freudian point of view, adding contributions of two contemporary authors: Luis Hornstein and Hugo Bleichmar. Intended, initially, to understand the origin and functioning of the concept in the psychic apparatus for the maintenance and protection of the Self, so that this instance can defend and re-actualize itself when necessary. Later, as an illustration of the concept, this study will use an updated version of the Narciso's myth, using the film Solaris (1972) as an analogy, since both share elements compatible with the theme of Narcissism, allowing an understanding of the psychic elements that lead the protagonists to a tragic end in the two plots.

Keywords:

Narcissism; Self; Autoerotism; Self-preservation; Mythology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 REFLEXÕES DE LUIS HORNSTEIN E HUGO BLEICHMAR ACERCA DO CONCEITO FREUDIANO DE NARCISISMO	8
2 UM EU PERDIDO EM SOLARIS.....	21
2.1 Narciso e os elementos que dificultam a constituição do Eu.....	22
2.2 O filme <i>Solaris</i>: Uma jornada ao vazio.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser de relação. Ele necessita do contato com o próximo para prosperar, seja no âmbito pessoal ou no coletivo. A humanidade depende dessa interação entre os indivíduos para sobreviver. Sem a devida colaboração coletiva a civilização estaria fadada ao fracasso. As forças da natureza teriam extinguido a espécie humana se não fosse a sua capacidade de interagir e criar em conjunto. Sozinho, o indivíduo não conseguiria se identificar como tal, sem ter um outro que o determine como tal, ele não seria um, ele não seria um ser pensante, pois necessita dos estímulos do próximo para ser criativo, para desenvolver áreas do seu cérebro para traduzir os estímulos e, conseqüentemente, produzir seu psiquismo a partir de uma gama de interações que seus sentidos receberiam do mundo externo e interno.

O indivíduo dispõe de um aparelho psíquico complexo, composto por vários elementos fundamentais para que o seu funcionamento seja possível de acontecer. Assim como a humanidade, o aparelho psíquico é um conjunto de instâncias que dependem de ampla interação entre si para se organizar, reorganizar e prosperar. Uma se diferenciando da outra, mas nunca deixando de se influenciarem por toda a vida. Um recurso do psiquismo nunca deixa de ser utilizado em prol do outro, eles se sustentam. Mas nunca buscando apenas a homeostase, o aparelho psíquico precisa sempre se reatualizar para se adaptar e movimentar a energia pulsional, para que o indivíduo se ligue a outros, aprenda, seja criativo, tenha satisfações na vida em troca do reconhecimento no olhar do outro.

Esta monografia tem como objetivo focar em um elemento primordial e crítico na formação do aparelho psíquico, o narcisismo. Entender a sua origem, o seu funcionamento e como este influencia toda a vida do ser humano. Para isso, será trabalhado o texto de Freud sobre o tema, tendo como auxílio contribuições de alguns autores contemporâneos.

No primeiro capítulo será visto como o narcisismo toma forma no aparelho psíquico, como o Eu¹ necessita de seu suporte para conseguir se diferenciar, se delimitar e se organizar, culminando em uma forma coesa capaz de lidar com todo o processo posterior de evitar desprazeres e buscar prazeres responsáveis na vida de relação. Veremos como o narcisismo não só é fundamental nesse momento primordial de diferenciação psíquica, como acompanha o Eu por toda a sua existência, amparando-o em momentos de frustração, que não são só inevitáveis, como indispensáveis para a reorganização do Eu, tornando possível que o Eu se

¹ Neste trabalho optou-se por utilizar os termos Isso, Eu e Supereu ao invés de Id, Ego e Superego. No entanto, as citações utilizadas no corpo do texto não foram alteradas.

adapte a novas experiências, evitando novos desprazeres quando possível, e se reatualizando quando necessário.

E no segundo capítulo, será utilizado o recurso da interpretação de uma versão grega do mito de Narciso, usando como complemento uma produção cinematográfica, o filme *Solaris* (1972), para ilustrar como duas maneiras diferentes de posicionamento, podem culminar no mesmo destino trágico de desinvestimento pulsional extremo. Julgamos que desse modo podemos ilustrar como é essencial que esse momento de organização narcísica seja bem-sucedido, a fim de que o equilíbrio entre as frustrações e satisfações necessárias possam facilitar as operações psíquicas quando, ao longo da vida, sofrermos um grande abalo narcísico.

1 REFLEXÕES DE LUIS HORNSTEIN E HUGO BLEICHMAR ACERCA DO CONCEITO FREUDIANO DE NARCISISMO

A expressão “pessoa narcisista” é amplamente utilizada pelo senso comum para caracterizar indivíduos que se preocupam, exacerbadamente, com a própria imagem, que tem uma supervalorização do corpo sempre relacionado com o conceito de vaidade. Julgamento que é restrito à percepção que as pessoas têm do indivíduo, exclusivamente a partir de seu comportamento, tanto para consigo, como para com os outros. O que se percebe é a utilização do termo narcisismo como uma condição patológica, uma falha de caráter, uma deficiência social de pessoas que se preocupam exclusivamente consigo mesmas, com sua aparência física, em detrimento das relações sociais com outros indivíduos, dificultando ou anulando completamente a possibilidade de relacionamentos saudáveis em sociedade. Ser considerada uma pessoa narcisista seria o mesmo que ser considerado como alguém imaturo, egoísta e desajustado, seria ter uma perspectiva limitada do que está à sua volta. É se utilizar de uma percepção falha que deveria ser superada, algo a ser evitado a qualquer custo. Porém, o termo narcisismo vai muito além do que pretende a descrição popular que acabamos de apresentar.

Em Psicanálise o conceito de narcisismo está diretamente ligado à sua origem na mitologia grega: Narciso, uma pessoa muito bela que, por ser muito ligado à sua própria imagem, teve um destino trágico. Graças a seu desprezo e indiferença pelos outros, ilustrado no mito pela sua relação com a ninfa Eco, teve seu destino selado pela divindade da vingança, a qual o levou a tirar sua própria vida, afogando no espelho d'água para beijar a sua imagem.

O narcisismo pode ser observado em pessoas que, assim como Narciso, se fixam em comportamentos que se referem à sua relação com a aparência, pessoas que focam mais em si mesmas do que em qualquer outra coisa na vida e que tem uma estima de si desproporcional às pessoas a seu redor, tanto positiva como negativa, mas de maneira nenhuma se restringe a isso. Simplificar o narcisismo apenas a algumas de suas manifestações comportamentais consideradas como negativas não seria o suficiente para entender sua constituição, organização e funcionamento no aparelho psíquico, além de não conseguir explicitar suas vicissitudes posteriores nas relações humanas. O narcisismo vai muito além de suas manifestações, é um recurso crucial que tange à constituição do aparelho psíquico de todo indivíduo e se apresenta sob diversas maneiras.

Segundo Roudinesco e Plon (1998), Freud não foi o primeiro a tratar o tema donarcisismo. Em 1887, Alfred Binet (1857-1911), um psicólogo francês, já relacionava o termo narcisismo com o fetichismo da pessoa em utilizar a si mesma como objeto sexual. E

até o final do século XIX, os sexólogos se referiam ao termo para relacionar o amor do indivíduo para consigo mesmo, definindo a esse comportamento como uma perversão sexual. Foi somente com seu texto sobre o narcisismo (1914) que Freud, apesar de nos anos anteriores ter citado o termo em alguns de seus trabalhos, o promoveu a *status* de conceito essencial na teoria da organização sexual do ser humano, momento intermediário na teoria freudiana, que culminou posteriormente na reformulação da teoria das pulsões. Os termos ‘pulsão de auto conservação’ e ‘pulsão sexual’ foram substituídos por ‘pulsão de vida’ e ‘pulsão de morte’, para determinar o movimento pulsional no aparelho psíquico do indivíduo, mudando a função e a relação entre elas.

As pulsões do Eu, ou de auto conservação, seriam referentes às pulsões narcisistas do eu, às quais estariam relacionadas com o investimento de energia libidinal voltada para o próprio Eu. As pulsões sexuais seriam as voltadas para o mundo externo, para os objetos aos quais o indivíduo investiria na busca de crescimento pessoal, nas relações sociais e amorosas. Ou seja, nas relações humanas como um todo. As pulsões de vida e de morte, nesse contexto, seriam as que buscariam constantemente novas ligações aos objetos, no caso da pulsão de vida, e um desligamento mórbido com os mesmos, procurando um retorno a estado primordial anterior inacessível, no caso da pulsão de morte.

Freud (1914) se aprofunda no termo narcisismo ao explorar a sua origem e sua importância na sexualidade do indivíduo. Ele fundamenta o narcisismo como sendo um período intermediário entre o autoerotismo e o amor objetal. Para que o Eu floresça, é necessário um meio facilitador para a organização psíquica do infante, para que este tenha o favorecimento de um investimento psíquico mais elaborado através dos primeiros contatos com o outro cuidador, a fim deste provocar no psiquismo do infante o que viria a compor o narcisismo. Assim favoreceria ao Eu sair de uma posição extremamente primitiva de autoerotismo, de autopreservação, para uma que abriria possibilidades de investimentos externos mais complexos, na relação com o outro.

Hornstein (2009) fala sobre o aparelho psíquico como sendo um sistema aberto e auto organizador, salientando que o trauma recorrente da relação do indivíduo com o seu meio é tanto arriscado para o organismo, como é essencial para que este mantenha a sua vitalidade. O psiquismo, em contato com ruídos externos se desestabiliza e busca transformá-los em informação, se reorganizando. O organismo nunca busca uma homeostase, sempre quer novas informações, tornar-se mais complexo. Um aparelho psíquico que se encontra em abertura para com o mundo exterior, com o outro, está sempre disposto a intercâmbios. Estes que nem sempre são prazerosos, mas que estimulam o Eu. O limite é o limite do outro. Porém, quando

o ruído do outro é demais para o organismo, esse se fecha, se retrai, em uma condição patológica “certo narcisismo patológico fecha o sistema psíquico. Na paranoia ou na melancolia não há entrada de ruídos por excesso de confiabilidade e de redundância.” (Hornstein, 2009, pag. 35). Em seguida, Hornstein ilustra em quais fases se dá essa organização do aparelho psíquico:

Freud estabeleceu uma história libidinal e identificatória com uma sucessão de fases. Fase autoerótica: sua fixação conduziria a um ego corporal que tende a se fragmentar (exemplo clínico: a esquizofrenia). Fase narcísica: preservar-se-ia um ego unificação mas cuja unidade é possível localizando o perseguidor que poderia desintegrá-lo (exemplo clínico: a paranoia). À fase narcísica corresponde também a melancolia, cuja problemática não é a consistência do ego, mas seu valor. (Hornstein, 2009, pag.33)

Vale ainda ressaltar que não se trata de uma fase substituindo a outra, mas sim de várias reorganizações que não se excluem, mas se complementam, por interações do meio interno do indivíduo com o meio externo. Hornstein insiste ao dizer que o narcisismo não é somente um período passageiro, mas é um momento marcante e marcado na vida psíquica, um registro e é constitutivo do investimento do Eu. É graças ao narcisismo que é “[...] possível para o sujeito um movimento de centramento de suas representações identificatórias” (Hornstein, 2009, pag. 34). O narcisismo serve principalmente como uma proteção da integridade do Eu caso haja uma ameaça externa. O Eu tem de manter uma carga constante de energia, para possibilitar ligar-se às representações que o impulsionam ao devir.

A escolha objetal infantil se dá muito precocemente na vida do infante. Para Freud (1914), são nas primeiras experiências de satisfação que a criança faz essa escolha. O bebê inicialmente é muito colado à função de autopreservação e à função autoerótica. A primeira função se refere à condição instintiva de qualquer animal em sobreviver, é a estrutura biológica, é ativada quando o ambiente externo apresenta circunstâncias tais que provocam uma ação imediata do organismo, como tremer de frio ou transpirar quando está em contato com o calor, ou a resposta imediata à primeira vez que se tem fome. O choro do bebê vem inicialmente como uma resposta ao desconforto que a fome trás. Já nas vezes que se sucedem a esta primeira, não é bem assim. O choro passa a trazer uma resposta bastante específica à aflição do infante, que é a do cuidador trazendo o alimento que nutre e que afasta o desconforto da fome e que dá prazer, saciedade, dando abertura à segunda função. “O encontro boca-seio dá lugar a uma tripla descoberta: a psique do bebê descobre uma experiência de prazer e o corpo, uma experiência de satisfação; a mãe, um dom necessário para a vida de seu bebê. Afeto, sentido, cultura estão co-presentes nesses primeiros sorvos de

leite.” (Hornstein, 2009, pag. 41), pois o bebê que inicialmente tem fome, a partir do momento que sacia essa fome, se depara com sensações de prazer que vão além das de preservação, é o toque do cuidador, é o prazer da sucção do seio, é o calor e atenção que vem a ele. Para Hornstein (2009), o Eu advém dessa relação de amor com o cuidador, dessa rede de investimentos constantes por parte do cuidador. Somente por amadurecimento físico o Eu não se organizaria, ele depende primordialmente da ligação com o outro, aquele que ao mesmo tempo cuida e proporciona os primeiros níveis de identificação. Porém, fica muito difícil de definir em que momento específico o Eu se reorganiza a partir do autoerotismo. Freud complementa dizendo que:

Os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego; somente depois é que eles se tornam independentes destes, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua. (Freud, 1914, pag.94)

A partir dessa identificação infantil com o outro cuidador, é que o bebê se torna capaz de introjetar as primeiras representações com esse outro que é inicialmente uma extensão de si mesmo. Porém, com a satisfação inicial, deve vir também a frustração, a falta. O bebê deve perceber que o outro é quem cuida. Para perceber a presença, precisa sentir a falta. Para isso aparece uma nova figura em cena, a da interdição. É a condição necessária para que a criança se diferencie da mãe, sinta sua falta, sua ausência. Para que possa elaborar sua existência fora de si. Esse evento é um dos mais importantes na vida infantil, pois é nele que o Eu se percebe em falta, possibilitando assim uma diferenciação expressiva do Isso, pois a criança percebe que o cuidador é um Eu diferenciado do dela, que tem suas próprias necessidades, seus próprios desejos e que a criança não é tudo para ela. O cuidador tem outros objetos que considera importante. O movimento aonde a criança é apresentada a um terceiro, que além de separá-la do cuidador, ainda chama sua atenção, abre possibilidades para a criança refletir, elaborar a ausência do objeto e procurar por outros. Esse corte trazido pelo mito da castração, ou Complexo de Édipo, traz grande contribuição na formação do mito individual, possibilitando ao Eu novas perspectivas, na manutenção entre a satisfação de desejos e a forma de lidar com novas frustrações.

Mas não é só de frustrações que o Eu se organiza nesse momento. O equilíbrio entre prazer e frustração exige uma grande sensibilidade do cuidador em identificar os momentos necessários de frustração suficiente e de intrusão pelo outro. “A mãe oscila sempre entre

excessos, de gratificação ou de frustração, que podem ter uma consequência comum: provocar uma excitação pulsional que transborda as possibilidades de elaboração do ego” (Hornstein, 2009, pag. 42). Isso é extremamente necessário, pois desenvolve a capacidade do Eu de estar só, de poder introjetar o objeto perdido, o luto pela falta do cuidador. Nesse momento o bebê pesa entre a tolerância de certa fusão e a necessidade de estar separado. Quando há excesso de gratificação, quando a resposta do objeto às necessidades do bebê é imediata, sem prazo de elaboração da frustração necessária e, conseqüentemente, de um momento para que o bebê se reconheça, invista em si mesmo em vez de ser investido, enquanto percebe que há a escolha de fazê-lo, corre-se o risco de que o excesso de atenção se torne falta de individuação, provocando o que Hornstein explicitou ao falar sobre as “ (...) experiências de fusão primária, nas quais a relação sujeito-objeto procura preservar os limites precários do ego, e privilegiaram a predominância da organização dual narcísica em relação com a organização triangular edípica” (Hornstein, 2009, pag. 22). No entanto, se a falta for excessiva, se o objeto nunca, ou quase nunca, se faz intimamente presente, instaura a ‘angústia de separação’ ao Eu do bebê, produzindo uma experiência de dor que provoca a intolerância do Eu aos investimentos objetais. “Quando o objeto deixa de cumprir seu papel de espelho, de continente e de auxiliar desse ‘ego que deve advir’, pulsões e objetos se convertem em obstáculos” (Hornstein, 2009, pag. 42).

Freud (1914) ressalta que há dois momentos de posicionamento narcisista na organização do psiquismo. O primeiro é primordial e se refere a um período bastante precoce na constituição psíquica, muito próximo ao de autoerotismo (processo inicial aonde ainda não há unificação corporal no psiquismo). Processo que só pode ser observado pelo contato com os progenitores. A relação de afeto que os pais têm com os filhos é uma reprodução do que estes vivenciaram em seu próprio narcisismo infantil:

O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcisista no caso da escolha objetal, domina, como todos nós sabemos, sua atitude emocional. Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele. (Incidentalmente, a negação da sexualidade nas crianças está relacionada a isso.) Além disso, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. (Freud, 1914, pag.97)

A criança, nesse momento inicial, terá acesso a muito mais prazeres do que os pais tiveram em sua própria infância. Eles irão satisfazer no filho todos os desejos narcisistas que

pensaram ter abandonado na própria infância. Eles protegerão os filhos de tudo que eles mesmos consideravam como desprazeroso ao mesmo tempo em que os inundam com representações que consideram prazerosas. É possível observar nesse comportamento dos pais uma regressão narcísica. Eles revivem na criança a sua própria onipotência infantil. Nesse momento, a criança é uma extensão dos pais, é como se os pais estivessem satisfazendo os próprios desejos que lhe foram negados na infância. Laplanche e Pontalis (2001), definem que “O narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. O narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetivos” (Laplanche & Pontalis, 2001, pag. 290). No caso citado, o narcisismo primário seria esse primeiro momento do filho, de diferenciação em contato com o mundo externo e o secundário. Seria esse retorno da libido dos pais ao seu próprio Eu, que foi projetado no filho infante.

É o olhar parental que constitui o Eu, é ele que cria as fronteiras entre o eu e o outro. “Se, por isto ou outra razão, o olhar materno for velado, se desde seus primeiros intercâmbios o infans não tiver captado senão uma lábil representação de si, terá um sentimento igualmente cambiante de sua integridade narcísica” (Hornstein, 2009, pag. 44). Se esse investimento parental for vacilante, entre um superinvestimento ou um desinvestimento, o bebê terá grandes dificuldades em distinguir as linhas fronteiriças entre o eu e o outro, não dando conta de saber separar seu Eu do Eu do cuidador e, conseqüentemente, do mundo externo.

A criança, a partir do contato com o adulto, seja o adulto que alimenta, cuida, ou o adulto que interdita o desejo, mas sempre o adulto que espelha nela todos os seus desejos infantis abandonados, vai recebendo um bombardeamento pulsional, o qual vai moldando seu Eu de forma cada vez mais complexa: passando de uma posição precoce de autoerotismo, para a de narcisismo primário, tomando forma aos olhos dos pais que, por sua vez, tomam forma a seus olhos infantis. Primeiramente, a criança vê no cuidador um objeto onipotente, o Eu ideal, o qual:

“[...] é agora o alvo do amor de si mesmo (self-love) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal.” (Freud, 1914, pag.100-101)

No momento em que o bebê reconhece que ele e o cuidador são figuras distintas, mas que depende dele para satisfazer as suas necessidades mais básicas, projeta nesse cuidador toda a perfeição que anteriormente sentia vindo de si. É esse cuidador sem defeitos, invencível e fonte de sustento e proteção que será sua nova fonte de investimento. Mas como se vê posteriormente impossibilitado de satisfazer suas demandas de satisfação no objeto, devido ao processo de interdição do terceiro castrador, a criança se vê em uma situação que precisa abrir mão desse objeto, podendo, porém, satisfazer esse desejo, introjetando características dele em seu psiquismo.

Ao final do Complexo de Édipo forma-se o Supereu, o qual fará a manutenção de um novo ideal, o ideal do Eu. E junto dele suas mais valorosas qualidades, “Aí serão recolocadas as instituições do ego (a censura, as defesas, a prova de realidade) e as do superego (os ideais, a consciência moral e a auto-observação)” (Hornstein, 2009, pag. 106). Bleichmar(1985) salienta o fato de que é preciso uma frustração para com o objeto, que haja uma mudança na percepção do sujeito frente a ele, uma mudança de perspectiva: de uma em que o objeto seria julgado como se possuísse uma perfeição total, para uma outra posição em que possuiria apenas traços e qualidades a serem seguidas. “(...) o ideal constitui-se a partir do momento em que o outro deixa de ser um admirador incondicional que oferece ao sujeito a vivência de perfeição para passar a converter-se em alguém que exige do sujeito a adequação a determinadas normas.” (Bleichmar, 1985, pag. 51).

Nesse ideal de Eu fornecido pelos cuidadores, os quais seriam de início figuras onipotentes, Freud diz que “O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora [...]” (Freud, 1914, pag.106). É com esse ideal de Eu que a criança buscará a satisfação posterior na vida de relação com o outro, o de conseguir cada vez mais alcançar e se apropriar desse ideal, em uma busca constante.

Um ponto muito importante congruente a esses momentos de constituição psíquica do narcisismo, do Eu e do supereu, seria também o da origem do sentimento de autoestima, este que “(...) é um resíduo do narcisismo infantil e das realizações conformes ao ideal. Um composto apoiado em maior ou menor grau pelas relações objetais e suas repercussões narcísicas” (Hornstein, 2009, pag. 44). E se daria em três momentos, como apontado por Freud “Uma parte da autoestima é primária – o resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é corroborada pela experiência (a realização do ideal do ego), enquanto uma terceira parte provém da satisfação da libido objetal” (Freud, 1914, pag.106).

Mas qual seria o principal motivo para o ser humano ter de abrir mão de toda a sua onipotência infantil e adentrar nas relações complexas e sociais do mundo externo? O que levaria o indivíduo a sair da relação restrita com o objeto para uma mais ampla, e que englobaria novas representações e novos objetos de satisfação? O que levaria o bebê a abandonar esse momento primordial infantil, já que tinha tudo o que desejava com tanta facilidade?

A autoestima, aquele resíduo do narcisismo infantil, está suscetível à influência (negativa ou positiva) de diversas variáveis durante a vida de relação do indivíduo e não somente nos momentos iniciais de organização do Eu. O sentimento de si exige uma relação constante com os objetos atuais, uma constante afirmação. “Esses encontros atuais implicam uma reorganização dos investimentos, uma nova distribuição entre os suportes internos (narcísicos) e os externos (objetais), a escolha de novos objetos, o luto por outros” (Hornstein, 2009, pag. 54). Esse investimento libidinal em objetos atuais também não é tarefa simples, exige uma articulação com os objetos fantasiados anteriormente na vida psíquica e os objetos reais. O sujeito durante a vida passa por momentos especiais, em que investe em novos objetos que vão reproduzir reorganizações psíquicas constantes:

Tanto para o registro objetal quanto para o narcísico, o ego requer novos espaços e novos destinatários aos quais demanda prazer e reconhecimento narcísico. O primeiro espaço de investimento é o familiar, e ao objeto é pedido prazer narcísico e sexual. O segundo é, para a criança, o meio escolar; para o jovem, a relação com os amigos, e para o adulto, o meio profissional (Hornstein, 2009, pag. 54).

Se o objeto atual não tiver nenhuma relação com o objeto anterior fantasiado, carregado de pulsão, será apenas um objeto indiferente. “O objeto está presente na realidade, mas ao faltar o prazer narcisista de apreensão, do ouvir, do ter relações sexuais, do olhar, não existe para o psiquismo enquanto objeto catexizado. A falta de prazer narcisista produz apatia pelo mundo circundante.” (Bleichmar, 1985, pag. 33)

O Eu está sempre mudando, não é uma constante. Ele se adapta, se reorganiza, fica cada vez mais complexo, contanto que a pulsão de vida (manutenção e cumprimento da vida) esteja mais atuante que a pulsão de morte (vazio, desinvestimento e destruição). O mundo externo muda o Eu, mas o Eu também muda o mundo. Essa interlocução excita o aparelho psíquico, provoca o desejo à complexidade. “Os vínculos atuais não são apenas a encenação de uma fantasia pré-existente. Se predomina Eros, as fixações não impedem o investimento do atual (...) Eros complica reunindo, sintetizando, buscando novas relações.” (Hornstein, 2009, pag. 76). Para haver investimento em novos objetos, é necessário que tenha havido

investimento anterior em objetos primordiais. A cada nova representação, a cada nova introjeção, uma nova possibilidade de investimento em um novo objeto.

Freud descreve, metapsicologicamente, a necessidade pulsional do indivíduo de sair de uma posição autoerótica para um investimento pulsional no objeto externo, no trecho:

[...] aqui podemos até mesmo aventurar-nos a abordar a questão de saber o que torna absolutamente necessário para a nossa vida mental ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos. A resposta decorrente de nossa linha de raciocínio mais uma vez seria a de que essa necessidade surge quando a catexia do ego com a libido excede certa quantidade. Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar. (Freud, 1914, pag.92)

Cabe comentar que a catexia, ou fluxo pulsional, chega a uma quantidade tão excessiva que o Eu se vê pressionado a investi-la no objeto externo, sendo que até certo ponto é saudável a libido voltada para o Eu, mas em último caso, devemos nos “apaixonar” pelos objetos externos para fluirmos nossa libido de forma saudável e não adoecermos. Pois um excesso pulsional voltado para o Eu, acarretaria em uma patologia:

Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos. Sua elaboração na mente auxilia de forma marcante um escoamento das excitações que são incapazes de descarga direta para fora, ou para as quais tal descarga é, no momento, indesejável. No primeiro caso, contudo, é indiferente que esse processo interno de elaboração seja efetuado em objetos reais ou imaginários. A diferença não surge senão depois – caso a transferência da libido para objetos irrealis (introversão) tenha ocasionado seu represamento. (Freud, 1914, pag.92-93)

Observe que Freud se utiliza de um termo chamado introversão da libido, o qual será explicitado no próximo parágrafo, como sendo uma retenção da libido no próprio Eu do sujeito, mas que, diferentemente das psicoses, ainda é retido na fantasia.

Apesar de inicialmente focar-se na descrição de casos como os de esquizofrenia, demência precoce e paranoia para ilustrar o narcisismo como um retorno da pulsão libidinal para o próprio indivíduo, Freud deixa claro que O narcisismo seja “[...] o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.” (Freud, 1914, pag.81). Portanto, todos possuem narcisismo em maior ou menor grau, pois a autopreservação é uma característica essencial à manutenção da vida. Porém, ele toma o devido cuidado de diferenciar o mecanismo de investimento pulsional no indivíduo neurótico do psicótico:

Um paciente que sofre de histeria ou de neurose obsessiva, enquanto sua doença persiste, também desiste de sua relação com a realidade. Mas a análise demonstra que ele de modo algum corta suas relações eróticas com as pessoas e as coisas. Ainda as retém na fantasia, isto é, ele substitui, por um lado, os objetos imaginários de sua memória por objetos reais, ou mistura os primeiros com os segundos, e, por outro, renuncia à iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados àqueles objetos (Freud, 1914, pag.82)

Ou seja, o mecanismo da neurose seria mais elaborado, dando o recurso da fantasia ao neurótico para satisfazer suas pulsões na representação do objeto, se afastando assim da realidade, mas não cortando o fluxo pulsional para com o objeto. Já o recurso do psicótico é mais arcaico, pois este retira totalmente a libido do mundo externo, retraindo-se em si mesmo, sem substituições:

Com o parafrênico a situação é diferente. Ele parece realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando realmente as substitui, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta a objetos. (Freud, 1914, pag.82)

É interessante observar como isso se apresenta em diversos momentos quotidianos da vida de relação. Quando nos frustramos com alguma questão, nos retraímos a um mundo só nosso, “desligando” do mundo real para darmos conta de nos recompormos, para só então lidar posteriormente com as complicações do dia a dia, por exemplo: ir a uma festa e extravasar em um momento de tensão, ler um livro por lazer ao final do dia, ver um filme ou um seriado e etc. Tudo para nos desfocarmos no ponto de frustração, nem que seja por um breve período, para que o aparelho psíquico dê conta de se recuperar para lidar com os problemas em questão.

Ainda sobre as diferenças dos mecanismos utilizados pelas neuroses e psicoses, Freud (1914) diz que na primeira a libido se retrai para a satisfação da pulsão nas fantasias, enquanto que na segunda, a libido desligada pelo processo de frustração retorna para o Eu. Isso demonstra como os mecanismos das psicoses são mais arcaicos, devido à fragilidade que o aparelho psíquico se encontra frente a essa situação. Enquanto na neurose essa libido desinvestida dá margem ao processo de ansiedade que, posteriormente, poderá ser transformada em uma elaboração psíquica “[...] por conversão, formação de reação ou construção de proteções (fobias)” (Freud, 1914, pag.93), na psicose a tentativa de reinvestir essa libido não é tão bem-sucedida, dando margem a um prognóstico pior. A tentativa de restauração na psicose pode se dar por três grupos:

(1) os que representam o que resta de um estado normal de neurose (fenômenos residuais); (2) os que representam o processo mórbido (afastamento da libido dos

seus objetos e, além disso, megalomania, hipocondria, perturbações afetivas e todo tipo de regressão); (3) os que representam a restauração, nos quais a libido é mais uma vez ligada a objetos, como uma histeria (na demência precoce ou na parafrenia propriamente dita), ou como numa neurose obsessiva (na paranóia). Essa nova catexia libidinal difere da primária por partir de outro nível e sob outras condições. A diferença entre as neuroses de transferência que ocorrem no caso de nova espécie de catexia libidinal e as formações correspondentes onde o ego é normal devem ser capazes de nos proporcionar a compreensão interna (insight) mais profunda da estrutura de nosso aparelho mental.(Freud, 1914, pag.93)

Outra questão relevante frente ao investimento pulsional libidinal apresentada por Freud (1914) é o de que quanto mais a libido do Eu é utilizada, mais a outra é destituída e vice-versa. Para isso ele exemplifica com o caso de um indivíduo que está apaixonado, quando este parece até desistir de sua integridade psíquica em prol do objeto amado. Mas não seria exclusivamente no apaixonamento que essa situação ocorreria. Também quando “[...] uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito a seu sofrimento. ” (Freud, 1914, pag.89). Quando o indivíduo está adormecido também ocorre esse desinvestimento, “A condição do sono também se assemelha à doença, por acarretar uma retirada narcisista das posições da libido até o próprio eu do indivíduo, ou, mais precisamente, até o desejo único de dormir. ” (Freud, 1914, pag.90). A pessoa deixa de investir no mundo externo devido a uma aflição que agride o corpo ou o sono, chegando ao ponto em que deixa de investir sua libido no objeto amoroso pois, segundo Freud, a pessoa que sofre não consegue amar.

O exemplo do sono é particularmente interessante, pois é uma situação extremamente normal a todo o indivíduo e cotidiana. Ele procura se retirar dos estímulos externos, muitas vezes procurando o silêncio e a escuridão, mas não sendo incomum buscar manipular o ambiente seja com um tipo específico de luz ou de som, mas com o mesmo objetivo, o de se fechar em si mesmo, para que o sono venha e lhe permita dormir. Dificilmente o indivíduo frustrado e estimulado pelos pensamentos dos problemas do mundo externo conseguirá dormir, de maneira fácil ou tranquila.

Voltando ao que tange à escolha de amor objetual, Freud (1914) postula dois tipos de apaixonamentos: o do tipo de ligação (anaclítico) e o narcisista. Apesar dele definir o primeiro como predominantemente masculino e o segundo como feminino, não nos preocuparemos em defini-los como característicos exclusivamente do homem ou da mulher. No primeiro, o bebê, ao abandonar parte de seu narcisismo para dar vazão ao amor objetual, supervaloriza o objeto sexual que lhe dispensa cuidados, acontecendo um “[...] empobrecimento do ego em relação à libido em favor do objeto amoroso. ” (Freud, 1914, pag.95). O segundo se dá posteriormente na vida do indivíduo, mais precisamente na puberdade. Devido ao amadurecimento genital, ao

desenvolvimento do corpo, a pessoa volta a libido a si mesma, escolhendo-se como objeto de desejo. Segundo Freud (1914), essas pessoas costumam ser extremamente belas, procuram no parceiro um amor a ela. Não procura alguém para amar, apenas alguém para amá-la, sendo assim um puro representante de amor narcisista, “[...] pois parece muito evidente que o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal.” (Freud, 1914, pag.95-96).

Freud ainda postula as características objetais: Na escolha anaclítica busca-se a mulher que a alimenta ou o homem que a protege. Já na escolha narcisista busca-se o que ela própria é, o que já foi um dia ou o que gostaria de ser.

Há uma questão importante no que tange à escolha de amor objetal quando esta se dá pela via narcísica como uma forma compensatória de carências do Eu. “Nas escolhas narcísicas parece que o objeto não foi contingente. Que dele depende a razão de viver. Sua perda revive a dependência. O objeto ameaça o ego. Não está à sua disposição. Não se sabe quando estará e quando está não se sabe se está disponível” (Hornstein, 2009, pág. 50). Essa situação se dá em escolhas narcísicas de objeto que buscam compensar uma fragilidade do Eu, intimamente relacionada com a autoestima. Quando se está com o objeto o indivíduo busca se fundir ao objeto por não darem conta de discriminar a ausência momentânea do objeto de sua perda definitiva. Isso se dá por uma autoestima escassa, por uma intolerância à angústia de separação, ao mesmo tempo em que se sente invadido pela fusão que ele mesmo almeja inicialmente. “O intolerável é a alteridade. Um excesso de presença é intrusão. Um excesso de ausência é perda. O par presença-ausência não pode ser dissociado” (Hornstein, 2009, pág. 51)

O indivíduo narcisista, em sua relação objetal, não procura a relação com o outro, mas sim consigo mesmo, em uma busca de reparar um sofrimento intolerável de perda, uma angústia de esvaziamento do sentimento de si (relação entre os investimentos do Eu e os investimentos objetais, ou seja, entre a economia narcísica e a objetal):

O amor narcísico se caracterizará por não investir o objeto mais do que em função da indiscriminação que este tem em relação ao sujeito, seja ao se manifestar pelo excesso de projeção de problemáticas egóicas, seja na busca de um ideal ou de uma representação nostálgica. A projeção atenua o confronto com a alteridade. Depor a onipotência narcísica sob a coação da realidade implica um trabalho que não se realiza sem sofrimento. Para evitá-lo, o sujeito aborda o mundo tratando de reencontrar nele (ou inclusive de nele imprimir) sua própria imagem. (Hornstein, 2009, pág. 52)

Hornstein (2009) ainda diz que nessa relação, há autores que consideram que o sujeito não discrimina o objeto real do objeto fantasia, pelo fato do objeto não ser reconhecido em

sua alteridade, tendo como objetivo puramente suprir suas falhas. O outro assim serve apenas como uma proteção psíquica das vulnerabilidades do Eu.

Nesse capítulo foi observado como Freud definiu o narcisismo como uma parte essencial na constituição psíquica do indivíduo, como este é afetado pelos estímulos parentais e como estes interferem na sua escolha de amor objetual, além de sua relação com o mesmo. “O narcisista, como dissemos, se afasta dos outros ou se aferra aos outros. Distancia-se quando sente que ameaça seu frágil equilíbrio. Aferra-se quando sua sede de objeto apenas se sacia em presença daquele a que cabe a função de refletir para o sujeito. ” (Hornstein, 2009, pag. 55).

Hornstein (2009) resume muito bem sobre a importância do narcisismo para a constituição e manutenção do aparelho psíquico, ao dizer:

O narcisismo é uma etapa da história libidinal, da constituição do ego e as relações com os objetos. É um composto que integra diversas tendências: a de fazer convergir sobre si as satisfações sem ter em conta as exigências da realidade, a da busca de autonomia e autossuficiência com relação aos outros, a procura ativa por dominar e negar a alteridade, o predomínio fantasmático sobre a realidade. (Hornstein, 2009, pag. 33)

Vimos também como o narcisismo interfere na pulsionalidade do indivíduo neurótico e também na do psicótico, como o primeiro recorre às fantasias a partir de frustrações que o fazem introverter a libido e como o segundo se utiliza de movimentos mais arcaicos para se defender da frustração do meio externo.

2 UM EU PERDIDO EM SOLARIS

Por sua teoria ser bastante original, diferenciando de todas as referências anteriores ao ponto de fundar uma nova perspectiva de pensamento, Freud lançou mão da mais ampla gama de recursos oriundos de diversas áreas do saber e das artes, como Física, Antropologia, Religião, Literatura, dentre outras. A mitologia foi uma fonte que Freud utilizou inúmeras vezes, para a ilustração de vários conceitos em sua obra. Sempre de forma cuidadosa, ele considerava o que já havia sido falado sobre o mito, comentava sobre o que achava equivocado e complementava com inovações baseadas em seu pensamento teórico.

Freud sempre considerou o mito como sendo uma ferramenta imprescindível na história humana, por condensar elementos psíquicos fundamentais da constituição psíquica em sua narrativa. O mito seria utilizado como uma ferramenta organizadora pelos povos primitivos, que no início da civilização precisavam lidar com a dor e a incerteza de sua própria existência.

Tanto o mito como todo o tipo de produção criativa despertam sentimentos e opiniões diversas a respeito de sua importância para a vida como um todo. Seja na religião, na ciência ou nas artes, o objetivo principal de tudo o que produzimos é o de aliviar a nossa angústia frente ao mundo. Para isso, tentamos entender a nossa existência, seus princípios, sua importância e seu potencial.

Por todas as produções remeterem a essas questões existenciais, transparece em cada uma delas questões pessoais de quem as produz. Em um mito, ela representa as angústias e aspirações do povo que a produziu. Na ciência, o pesquisador, o cientista, coloca suas indagações, sua história pulsional em sua teoria. O pintor, o filósofo, o escritor, transparecem em sua obra seus mais íntimos desejos e visão de mundo. Cada criação tem a marca de seu criador. E quando essa criação entra em contato com o mundo, é possível acessar as questões individuais de cada um, provocando os efeitos mais variados.

Quanto mais abstrata for a obra, mais passível de interpretação ela será. Um mito que foi recontado inúmeras vezes, será acrescentado de novos significados sempre que surgir um novo interlocutor. No cinema é a mesma coisa. Um filme faz muito mais do que relatar a história do enredo. Do roteiro à tela do cinema, ele passa por diversas influências. É o roteirista que adapta uma obra literária ou cria um roteiro original, é o diretor que tem a sua própria visão sobre a forma que quer representar o que está escrito. É o produtor que contribui com a sua perspectiva sobre o produto, é o ator que interpreta aquela personagem de uma maneira bem particular, como nenhum outro ator faria, é essa atuação afetando os outros

atores e a direção. E tudo isso sem considerar a forma que o público será influenciado. Ou seja, mais do que é apresentado, a densa rede de representações por trás da obra, é extremamente válida para todos os envolvidos, seja na produção, seja no consumo.

Dito isso, o presente capítulo abordará questões referentes ao conceito de narcisismo a partir de um mito e de uma obra cinematográfica. Primeiramente será feita uma análise do mito de Narciso, recontado pela visão do escritor Luiz Guasco. Em seguida, serão apontadas similaridades entre o mito de narciso e o filme *Solaris* de Andrei Tarkovsky. Vale ressaltar, como foi dito anteriormente, que toda interpretação é passível de discordâncias e é única, não podendo ser tomada como verdade absoluta.

2.1 Narciso e os elementos que dificultam a constituição do Eu

O envolvente mito de Narciso, em suas variadas versões, foi a lenda que ilustrou o conceito de narcisismo, dando abertura a interpretações que condizem com vários conceitos psicanalíticos. A versão de Luiz Guasco, além de contar a trágica história de Narciso, traça um pano de fundo quanto à origem e importância de outros personagens fundamentais na trama. Como Tirésias “ (...) já vivera uma experiência ímpar, que lhe permitira saber o que é existir como homem e como mulher. ” (Guasco, 2008, pag.6), Liríope, uma bela ninfa das águas, a qual rejeitava as investidas de seus pretendentes. Mas que foi violentada pelas correntezas do Rio Céfiso, o qual a engravidou de Narciso e provocou o retraimento de Liríope. E a ninfa Eco, à qual “ (...) era capaz de sustentar qualquer conversa. Assuntos não lhe faltavam, e ela, se quisesse, podia até mesmo encadeá-los, discutindo sobre os mais diversos temas numa fala longa e ininterrupta. ” (Guasco, 2008, pag.28). Mas que, por acobertar certas atividades extraconjugais de Zeus, foi amaldiçoada por Hera a nunca mais falar por si mesma. “Será capaz somente de repetir as últimas palavras que lhe forem dirigidas, quaisquer que sejam” (Guasco, 2008, pag. 28).

O mito de Narciso é bastante conhecido, mas a relação entre esse personagem e os outros que compõem a trama gera um contexto interessante a ser observado. Guasco (2008) começa a história descrevendo a origem de Tirésias. Este, pela fatalidade de ter cruzado o caminho da deusa Hera, foi amaldiçoado a ter de viver em um corpo que não era seu, mas o de uma mulher. Por vários anos Tirésias experienciou a vida com o corpo feminino, até que cruzou o caminho de Hera mais uma vez e teve seu corpo de volta.

É interessante observar a função dos deuses na mitologia Greco-romana. São geralmente descritos como figuras com comportamentos típicos dos humanos, eles têm

sentimentos, qualidades e defeitos. A diferença está no poder dos deuses sobre os mortais. Os deuses têm suas próprias regras, não se submetem as leis dos mortais. Inclusive, foi Zeus, o maior dos deuses que proferiu as regras a serem seguidas, tanto os deuses como o Homem “ (...) Zeus dividira entre os imortais os privilégios que os distinguiam entre si, repartindo também os atributos que concerniam os homens e aos deuses, e que de certo modo definiam seus destinos” (Guasco, 2008, pag. 12). Por certo, os mortais tinham nos deuses figuras para se temer e ao mesmo tempo reverenciar, pois eram os deuses que abençoavam e amaldiçoavam os homens, baseado na forma como estes se portavam em sua presença ou referência. Eram os deuses que aprovavam ou reprovavam suas ações, pois eram extremamente poderosos aos olhos dos mortais.

Os deuses representavam, no berço da civilização, as figuras parentais. Assim como a criança tem nos cuidadores o modelo de poder e perfeição, os povos primitivos tinham nos deuses um modelo a seguir. Se fizessem o que era considerado bem quisto, eram recompensados, se contrariassem uma regra, eram punidos. Com Tirésias foi assim. Ele “ (...) era ainda jovem quando, certa manhã, encontrou duas serpentes enlaçadas, rastejando pela relva de um bosque sagrado dedicado à deusa Hera (...) ele decidiu separá-las, utilizando para isso um bastão que trazia consigo” (Guasco, 2008, pag.9). Hera era considerada a deusa da união, da procriação. Tirésias, ao quebrar uma regra que ele até aquele momento desconhecia, foi punido, reconheceu que aquele local era proibido, que não lhe cabia se intrometer no enlace das serpentes e com isso mudou seu papel frente o mundo. É interessante traçar um paralelo com a questão edípica freudiana nesse ponto. Tirésias, como um infante, desconhecia as regras, ou seja, seu papel frente ao outro. Até que em um momento, ao tentar interferir em uma relação que não lhe cabia, o coito, a união representada pelas serpentes, é punido pela manifestação da lei, que ao mesmo tempo mostrou quem ele era e que aquele não era o seu lugar. “Os desejos e angústias do drama edípico marcam ou, melhor ainda, criam e organizam as representações que cada um de seus participantes tem de si e dos demais, que por esse fato decisivo acham-se bem longe de serem meras descrições neutras.” (Bleichmar, 1985, pag. 59). Tirésias aceitou, assim como a criança, o seu lugar e, conseqüentemente, quem ele era, constituindo sua posição frente ao outro. Porém, não sem deixar marcas profundas.

A aprendizagem de Tirésias não tornou o seu trauma menos doloroso e marcante. Pois, anos mais tarde, teve de reviver a cena marcante para conseguir reelaborá-la, repetindo a cena marcante, só que dessa vez com representações bem definidas. Ele retornou ao local sagrado de Hera e mais uma vez separou as serpentes e ressignificou o processo. Posteriormente, Tirésias se deparou mais uma vez com o conflito dos deuses. Ao ser questionado por Zeus e

Hera a respeito de sua experiência de vida, este escolheu sua própria verdade, em vez de somente acatar as exigências a ele proferida “ ‘Qualquer que seja minha réplica’, pensou, ‘haverei de descontentar um desses deuses. Entretanto, se é meu destino sofrer algum tormento lançado por um deles contra mim, que eu não me dobre ao medo’ ” (Guasco, 2008, pag.15). Como resultado, Hera tirou a visão mundana de Tirésias, deixando-o cego. Porém, Zeus brindou-o com o dom da premonição e do conhecimento, dando a ele um tipo de visão diferenciada do mundo. Foi a escolha de Tirésias que definiu o seu destino, e não a vontade dos deuses.

A representação da cegueira, nesse mito em especial, tem uma conotação interessante. A cegueira de Tirésias se refere especificamente a uma mudança de visão de mundo. Pois antes ele conseguia ver, mas não enxergava o futuro, não via além do que seus olhos lhe mostravam. Esse “presente” dado pelos deuses, curiosamente representado pelo pai dos deuses e a mãe dos deuses, poderia representar a saída de Tirésias de uma condição passiva e temerosa, para uma de escolha. Ele escolheu sua própria verdade ao se ver de frente com seus “pais” e com isso, recebeu o presente de traçar o seu próprio caminho na vida. Muito diferente de Narciso, o qual, como será visto a seguir, se depara com questões similares à de Tirésias, mas responde de maneira muito diferente. Guasco faz uma observação perspicaz ao comparar os dois. Ele diz que Tirésias “(...) é um contraponto interessante à figura de Narciso: embora cego, ele enxerga as limitações e vicissitudes humanas, ao passo que Narciso, objeto do olhar e do desejo de quem o contempla, não é capaz de divisar sua situação.” (Guasco, 2008, pag.7)

A condição de Narciso parece já ter se originado antes mesmo de sua concepção. Sua mãe, Liríope, era uma ninfa das águas. As ninfas, na mitologia greco-romana, são personificações dos atributos da natureza. São sempre muito belas e formosas, sempre cheias de vida e férteis. Os sátiros, por outro lado, são seres intermediários entre o reino animal e o humano. Possuem características físicas de ambos e são seres de bastante luxúria. Poderiam talvez ser interpretados como os animais usufruindo da natureza, de sua abundância. Na mitologia, eles usufruem das ninfas, pois estas são representações da natureza.

Mas diferentemente das outras ninfas, Liríope não interagiu com os sátiros, não aceitava suas investidas amorosas. Nem mesmo as de Pã, o mais habilidoso dentre eles. Como Liríope tinha esse comportamento incomum, isso merece destaque, pois sendo uma ninfa, essa característica torna sua relação com o mundo um pouco diferente das demais.

Na versão de Guasco (2008), Liríope parecia ser alguém que não se interessava, pelo menos não ainda, pelos desejos carniais, ela gostava do contato com as outras ninfas, e não se sentia incomodada pelo contato com os sátiros, apenas não se interessava. “A ninfa,

porém, sempre se desviava de seu abraço, com agilidade e graça, recusando-lhe as carícias e os atrevimentos” (Guasco, 2008, pag.17) Mas de uma forma bem diferente de Narciso, que tinha repulsa por qualquer contato com o outro, o que será visto posteriormente.

Porém, um dia, ao se afastar de seu grupo, Liríope foi vítima da correnteza incontida dos desejos de Céfiso, um deus rio. “As gotas que escorriam por seus cabelos e sobre a pele prolongavam a sensação de presença e do contato com o deus, que parecia ainda envolver seu corpo todo. ” (Guasco, 2008, pag.21). Por ele a ter tomado sem o seu consentimento, Liríope ficou traumatizada, a ponto de retrair-se a novos contatos e não mais retornar àquela região. “Liríope não tornaria a visitar as paragens em que fora raptada, nem se permitiria ser vista outra vez por Céfiso” (Guasco, 2008, pag.21).

Ao se perceber grávida de Narciso, Liríope fica em uma condição bastante conflituosa, “Seu sentimento se dividia entre a saudade do que fora-jovem ingênua e virgem- e o amor difuso que sentia por seu bebê, uma criatura que brotaria dela inaugurando uma ruptura em sua vida antiga. ” (Guasco, 2008, pag.20). Ela ainda era imatura para gerar uma criança. Não fisicamente, mas o seu psiquismo ainda não se encontrava no momento de se reconhecer como um adulto. Se fosse comparar Liríope com uma figura humana e feminina, ela ainda vivia um período típico de infância, com as mesmas preocupações, brincar com os amigos, se entreter apenas pela companhia destes. Ela ainda parecia não ter entrado nem no período de adolescência, pois nem parecia ainda questionar seus valores infantis que somente durante a gravidez se fizeram presente.

Junto a isso, a vivência de um narcisismo secundário, de um retorno à sua mais tenra infância, só tornava sua relação com seu futuro bebê ainda mais complicada. “A expectativa acerca do advento desse novo ser se misturava a suas lembranças mais remotas, e ela muitas vezes desejava fundir-se a ele, regredir até o seu nível para com ele recomeçar sua vida, outra vez experimentando o mundo desde o início. ” (Guasco, 2008, pag.20). A indiferenciação que ela sentia com esse filho, essa fusão por parte dela, não surpreenderia o fato de Narciso ter sofrido tanto em sua vida. Liríope, ao ver seu filho pela primeira vez, percebe o quão belo ele é, o quão perfeito ele é aos olhos que o veem. Temendo pela ira dos deuses, de que eles a punissem, fazendo algo cruel a Narciso, procura então Tirésias, o adivinho, para que este revelasse a ela o destino de seu filho. Tirésias diz a ela que as respostas que ele dá não costumam trazer conforto, mas dor e sofrimento. Ela insiste. Então Tirésias responde “Narciso poderá ter uma vida longa, desde que jamais veja a si mesmo” (Guasco, 2008, pag.21). Esse ponto traz novamente a questão do olhar. A versão literal poderia ser a de que Narciso não poderia jamais ver o seu reflexo, senão morreria. De fato, é o que acontece no mito, mas se

for feita uma reflexão sobre o tema algo mais pode ser interpretado. O contraponto feito pelo autor, de que Tirésias seria uma versão antagônica de Narciso, faz sentido nessa reflexão. “Pois ele, que um dia contemplara a luz e agora vivia na escuridão, em meio à qual relampejavam verdades difíceis de verter em palavras, sabia melhor do que ninguém como, para uma pessoa comum, ver poderia significar começar a conhecer.” (Guasco, 2008, pag.21)

Pensamos que Tirésias é alguém que passou por várias ressignificações e conseguiu a sabedoria, o amadurecimento, a coesão de seu Eu, não olhando levemente para o mundo externo, muito pelo contrário, reagindo a este. Sua cegueira, como já foi dito, seria uma passagem da ignorância à sabedoria. Claro, tudo ao custo de uma penosa experiência de vida e constante reflexão. O que ele diz sobre Narciso faz muito sentido. Contanto que ele jamais se olhasse, ele viveria muito. Mas esse viver é relativo. Ao não se olhar, Narciso jamais se reconhecerá como alguém, como um Eu coeso, como um ser humano diferenciado. Narciso viveria muito não o sendo. Estava fadado a viver na constância do não reconhecimento de si.

E é isso que Liríope faz, mantém seu filho nessa constância de indiferenciação psíquica. Enquanto Narciso não o é, ele continua sendo parte dela, uma parte de seu próprio narcisismo. Ela então segue à risca o que Tirésias disse e não permite que seu filho se veja. Narciso se encontra tão alienado, que segue essa prerrogativa, sem nem mesmo ter consciência dela. Sem nunca sequer saber do que Tirésias falou. “(...) envolvido pela admiração de que era alvo, não precisava olhar para si mesmo; o olhar dos outros sobre ele, sempre o aprovando, era suficiente para contentá-lo” (Guasco, 2008, pag.22) Narciso teve a má sorte de não ter tido um processo de interdição que o impedisse de permanecer nessa condição alheia. Com a constante aprovação dos outros, com a indiferenciação com que sua mãe o tratava, Narciso só sofria com o contato invasivo que sentia por qualquer um que tentasse uma aproximação amorosa para com ele. “Ninfas, moças e até outros jovens se apaixonavam por ele, porém jamais eram correspondidos.” (Guasco, 2008, pag.24).

Um contraste interessante com a postura de Narciso frente ao mundo, seria o que aparece em uma fala de um dos personagens rejeitados por Narciso, no qual diz: “Bem, se Narciso não deseja ser como um de nós- concluiu um deles, enquanto se punha a caminhar-, proponho que abandonemos esse debate e que nos consolemos dessa ferida coletiva, que nos fez o amor, com alguma atividade mais proveitosa.” (Guasco, 2008, pag.25). Essa postura é de um Eu que consegue lidar bem com a frustração da rejeição, com as intempéries presentes no mundo e se recupera. Consegue se reorganizar frente à decepção e investir em novos objetos, que no caso, seria o de caçar com os amigos.

A caça, que é culminante no destino de Narciso. Os amigos se juntam para caçar, e

Narciso participa. Mas se trata de uma caçada malsucedida. Narciso tenta investir na presa, joga a sua rede, mas erra, fazendo a presa se embrenhar no mato e os amigos a perseguirem. Ele fica para trás e se perde. Aqui vemos uma analogia interessante com o investimento pulsional. A mata citada era um local referente a “ (...) Ártemis, a deusa que habita além das terras cultivadas pelo homem e governa os solos selvagens- locais como aquele em que eles iriam se embrenhar” (Guasco, 2008, pag.26). Local selvagem, além do cultivado, diz sobre potencial, sobre uma variedade infinita de investimentos possíveis. E a caça, um objeto pulsional a ser investido. Mas Narciso falha drasticamente ao tentar se ligar a esse objeto, não dá conta de acompanhar seus amigos, que correm vigorosamente atrás da presa e desaparecem na mata na qual Narciso se perde.

Nesse momento, outra figura entra em cena. E o foco sai um pouco de Narciso. Se trata de Eco, uma ninfa que o observa perdido na mata. Eco é um personagem interessante, pois remete ao enamoramento, em especial quando o sujeito se esvazia de si em prol do objeto amado. Eco é descrita como sendo uma excelente companhia, que sempre sabia o que dizer, sendo alguém a quem nunca faltava assuntos para conversar. Sabia tanto entreter sua companhia, que esta nem se dava conta do que acontecia à sua volta. Isso pode ser interpretado de duas formas: A primeira e mais óbvia, seria a de que Eco representava alguém criativo, ávido a se relacionar e que detinha atributos necessários para se adaptar a qualquer demanda feita a ela no nível relacional, mas que devido à maldição de Hera, se restringiu muito. Porém, outra interpretação seria a de que Eco significava o eco do próprio sujeito. De que ela era tão vazia de si que era transparente, ou pior, um reflexo do próprio indivíduo, que nunca se cansava de sua companhia porque era uma companhia que alimentava o seu próprio narcisismo. Essa segunda interpretação vai mais ao encontro do que Eco representa na trama. Ela é uma figura que se esvazia na presença do objeto amado. É alguém que, diante da arrebatadora paixão, se desinveste totalmente de si para investir no objeto, ecoando os valores desse objeto. No momento em que ela se vê rejeitada pelo seu amado “Seus olhos fugiram ao olhar de Narciso, e a ninfa deixou-se vagar pelo chão, como se nada mais quisessem mirar.” (Guasco, 2008, pag.30). Ela nesse momento parece perder sua própria existência, diante da perda do objeto amado, os olhos que vagam, é o elo que se quebra, é a angústia aniquiladora da perda do objeto, que no caso, seria ela mesma. Isso só é reforçado pelo fato de que, diante do destino trágico de Narciso, Eco não consegue se recuperar, ficando reclusa nas profundezas (ou no mais altos dos montes, dependendo da versão do mito) e desaparecendo completamente. Sobrando somente o eco dos visitantes, que gritam para o vazio.

Voltando a Narciso, este está perdido na mata, sem nenhum laço, abandonado em sua

própria companhia, grita para o vazio (Eco), que responde a ele as mesmas palavras proferidas. Quando pede para que ela venha para junto dele e ela se revela, momento único que ela o faz, ele se retrai completamente. “Afastese! Eu não quero nada com você! Prefiro morrer a sentir o contato de suas mãos.” (Guasco, 2008, pag.30). Percebe-se aí uma diferença essencial para a posição de Narciso com a de sua mãe. Enquanto Liríope evitava os toques amorosos por não ter ainda despertado o interesse para tal, Narciso manifesta uma rejeição ativa ao toque de Eco. A sua aversão pode ser explicada pelo fato de que ele seria tão fechado em si, em uma pulsão desinvestida do objeto e investida em seu narcisismo, um Eu tão fragilizado por não se reconhecer como unidade, que qualquer tentativa de contato externo pode ser considerada como aniquilador para o Eu, ameaçando a sua integridade psíquica. Eco então se afasta de seu amado, e de longe, o observa, invisível.

A mata muda de um lugar selvagem, cheio de excitações, de possíveis novos investimentos, para um lugar intocado, protegido e vazio. Narciso então encontra seu destino final. Em si mesmo. “Ali o bosque recuava para dar lugar a um lago alimentado por um estreito curso d’água.” (Guasco, 2008, pag.31) O local aonde havia chegado era diferente do restante do bosque. “ ‘se aqui viessem rebanhos, por menores que fossem’ (...) ‘a relva que circunda essa lagoa estaria amassada e com falhas em alguns trechos ... Mas ela está perfeita, intocada como todo o solo que se estende aquém dela.’ ” (Guasco, 2008, pag.31) Ali era um solo sagrado, pertencente a Àrtemis. Assim como era sagrado o local em que Hera, vendo Tirésias trespassar, o amaldiçoou (ou abençoou, dependendo da interpretação) com a interdição da lei. Narciso, porém, estava ali para fazer o que quisesse. E é aí que aparece uma questão interessante. Àrtemis não interviu na alienação de Narciso, pelo fato de que a deusa Nêmesis, à qual “(...) em nome dos imortais, pune os excessos cometidos pelos humanos (...) providenciou para que o mais belo dentre os mortais também viesse a conhecer o ardor de uma paixão e o pesar por não se ver correspondido” (Guasco, 2008, pag.25). Qual seria o excesso cometido para que Narciso tivesse um destino tão cruel? Seria o da mãe que o superprotegeu e impediu que este se diferenciase dela? Ou ele mesmo, por se alienar de tudo e de todos? Ou pelo motivo de que, no final das contas, ele era tão indiferenciado da mãe, que não importa de quem foi tal excesso?

O resultado é que, entregue completamente ao seu próprio narcisismo, Narciso se entregou à pulsão de morte. Se desinvestiu completamente do mundo de relação objetal, no contato com o outro, ao buscar um estado anterior ao qual jamais poderia recuperar e definiu por completo. Mas não antes de questionar, ao final, sua própria existência e seu valor para o mundo.

“ ‘Mas qual de nós dois é apenas miragem? ‘ Pensou Narciso com amargura, pela primeira vez fitando seu reflexo como uma imagem (...) ‘Como negar que não fui eu o simulacro destituído de voz a quem muitos dirigiam a palavra, movidos pela admiração que minha beleza lhes provocava, e que nunca respondia a nenhum chamado? ’ ” (Guasco, 2008, pag. 35)

O fato de Narciso sempre ser colocado frente ao outro como um objeto de desejo e de adoração, não garantiu que ele se sentisse como alguém especial, cheio de si. Ter essa referência limitada de si provocou nele um sofrimento terrível, um vazio de si avassalador e por fim desintegrador de seu Eu. Narciso ao se questionar quem ele era afinal, ilustrava como sua relação com o mundo era precária, pois o olhar do outro não o investia como alguém, mas sim como um objeto.

“O ego deve tender a garantir conjuntamente a estabilidade de dois referenciais: seu autoconhecimento e o reconhecimento por parte do olhar dos outros. As imagens que oferecem os outros significativos e valorizados sobre quem é eu e qual é seu valor contribuem para tornar menos angustiante a interrogação” (Hornstein, 2009, pag. 122)

Esse enigma nunca pôde ser solucionado por Narciso, pois ele não possuía nem o conhecimento de si como unidade diferenciada (efeito da carência de uma presença materna suficientemente frustradora) nem o reconhecimento do outro, que o desejava por um atributo do corpo e não do seu eu psíquico.

Diante de tudo o que foi descrito anteriormente, é válido observar como a água é um tema recorrente no mito de Narciso. Liríope é uma ninfa das águas, às quais são relacionadas às nascentes dos rios. Elas produzem a água que gera o fluxo dos rios, seu trajeto até desembocar em seu destino. Tal qual os movimentos libidinais e os investimentos pulsionais nos objetos. Liríope era o outro primordial que Narciso precisava, mas que não foi suficientemente boa para fazer mover o seu desejo, movimentar sua pulsão, fazer fluir essa fonte de carga pulsional. O modelo parental que ela oferece a seu filho condiz com sua própria história pulsional precária, possivelmente devido ao fato de ter sido violentamente agredida pelo Céfiso e não ter dado conta de elaborar o seu trauma. Por não ter tido possibilidade para isso, ela regride a uma posição infantil, a seu próprio narcisismo. E transmite esse modelo a Narciso.

“Em primeiro lugar, dependerá da identificação com o modelo narcisista que seu outro significativo teve. Os pais que exigiram que se lhes oferecesse admiração incondicional ensinarão que essa é a que se deve esperar dos demais. É que a transmissão por meio da identificação de uma maneira de ser inclui também a representação que o modelo tem do mundo e suas expectativas frente a esse.” (Bleichmar, 1985, pag. 88).

Narciso, portanto, teve apenas o que ela pôde lhe oferecer, o que infelizmente não foi o suficiente para salvá-lo, resultando em sua danação, o lago cristalino e estático, com uma fonte mínima de água, aonde nenhuma onda se faz, ao qual nenhum desejo se dá, nada se usufrui. Ele encara o reflexo de sua imagem e se perde em si mesmo, na mata fechada de sua pulsão narcisista. Seu pai Céfiso, no entanto, é a pulsão descontrolada, agressiva do Isso que desemboca direto na satisfação imediata de seus desejos. E no fim, com a pulsão de morte prevalecendo, Narciso cai no esquecimento, no vazio, no retorno ao nada, ao qual ele encara no rio Estige. “ (...) sua alma desceu ao reino tenebroso do Hades, mas lá continuou a mirar-se nas águas do rio Estige, o rio do esquecimento. ” (Guasco, 2008, pag. 38)

2.2 O filme *Solaris*: uma jornada ao vazio

Solaris é um filme soviético de ficção científica produzido em 1972. Co-escrito e dirigido por Andrei Tarkovsky, é baseado no romance de mesmo nome do escritor polonês Stanislaw Lem (1961). Tanto o filme quanto o romance abordam temas similares. Porém, o romance foca na exploração espacial, do desconhecido para além da existência humana e em sua inadequação em conseguir se relacionar com outras espécies, principalmente em se comunicar com vida inteligente alienígena. No filme, apesar de estarem presentes os principais elementos contidos comumente em tramas de ficção científica, como a viagem a mundos no universo desconhecido e inacessível à realidade tecnológica da civilização atual, são abordadas questões muito mais introspectivas sobre a condição humana em si mesma: como o ser humano, antes de sequer conseguir se comunicar e se relacionar com outras espécies, tem grande dificuldade em entender a si mesmo, os seus temores, os seus amores e valores.

Há também outra adaptação cinematográfica do romance de Lem. Do diretor Steven Soderbergh, o filme de 2002 toma emprestado elementos do filme de Tarkovsky e carrega o mesmo nome, *Solaris*, em seus créditos. Porém, esse texto se baseia inteiramente na película de 1972.

Solaris é um planeta que há muito tempo havia sido descoberto e por muitas décadas era pesquisado por uma equipe de cientistas que viviam a bordo de uma estação espacial produzida para orbitar o planeta. Porém, com resultados que se mostraram infrutíferos nesse período, os responsáveis pela manutenção da pesquisa se questionavam se era realmente válido continua-las. Isso em conjunto com o fato de que mensagens estranhas e sem sentido

estavam vindo da tripulação remanescente na estação. Por se tratar de um planeta longínquo, em uma região inóspita do universo, era necessário um longo e demorado trajeto para se chegar até Solaris, mesmo com os recursos tecnológicos avançados disponíveis.

O filme narra os eventos em torno do personagem Kris Kelvin (Donatas Banionis), psicólogo contratado pelos responsáveis da estação espacial para viajar até o local e verificar o porquê de os cientistas remanescentes na estação estarem enviando mensagens desconexas para a base na Terra. Além de verificar a viabilidade de continuar a pesquisa no local, pelo fato dos esforços em descobrir a lógica do planeta se mostrarem infrutíferos até então.

A trama inicia mostrando Kelvin refletindo próximo a um lago na propriedade de seu já idoso pai (Nikolai Grinko). Local este visitado por ele todas as manhãs. Só que dessa vez, o fazia pela última vez antes de partir na jornada até *Solaris*. Kelvin observa as águas do lago, cercadas por vegetação rasteira. Um lugar bastante calmo, onde era possível escutar até o som de pássaros cantando ao longe e o movimento das águas a seu lado.

A cena progride mostrando a superfície do lago, o reflexo das águas no rosto de Kelvin e em seguida, a vegetação submersa reagindo ao movimento das águas. O lago está cercado por uma leve névoa matinal, à qual produz um efeito interessante na cena, isolando Kelvin e o lago do resto do mundo, dando uma impressão quase onírica do lugar. A cena se intercala com o segmento de um cavalo correndo solto na propriedade – apenas com o cabresto acoplado – para em seguida voltar à fluidez da cena, com Kelvin lavando as mãos à beira do lago e visitantes chegando a sua casa.

A primeira cena do filme é muito importante pois descreve todo o contexto ao qual se baseia essa interpretação da trama. Um lago, por si só, não seria o suficiente para ser relacionado ao mito de Narciso, mas a forma com que toda a cena se desdobra, e sua importância para o restante da trama, merece atenção. Enquanto a jornada de Narciso termina em um lago, a de Kelvin começa em um. A água em *Solaris* é tão importante quanto a água em Narciso. Assim como a maneira que a água é apresentada, no mito de Narciso, o rio, a nascente, o fluxo da água e o lago, caracterizam os personagens envolvidos na trama. Já no filme, *Solaris* é um planeta oceânico, cuja peculiaridade é a de que suas águas reagem ao contato humano. O contato de Kelvin com *Solaris* poderia ser uma analogia ao mito de Narciso com o lago. Para Kelvin, o lago na propriedade de seu pai é um lugar ao qual ele vai todas as manhãs para ponderar, refletir sobre a sua própria existência, afastando-se do mundo e das pessoas à sua volta. A ilustração da separação com o mundo fica bem representada pela névoa que cerca o lago enquanto ele lá está. A cena que segue é a de um cavalo correndo, separando a calma anterior para o que viria a seguir, o retorno de Kelvin ao mundo das

relações. O cavalo está solto, sem rédeas, mas não é selvagem e alheio ao mundo civilizado, pois está com o cabresto, ele foi tocado pelo Homem. Essa imagem é muito interessante, como se fosse uma transição entre o isolamento de Kelvin e seu retorno ao contato humano, o qual ele se põe a movimentar, lava suas mãos à beira do lago e recebe os visitantes.

O filme prossegue, com Henri Berton (Vladislav Dvorzhetsky), piloto que trabalhava na estação espacial, relatando a sua experiência na superfície oceânica do planeta *Solaris* para Kelvin. Ele diz que ao descer em busca de dois cientistas perdidos no planeta, deparou-se com uma criança gigante. No entanto, as câmeras acopladas em seu veículo, não relatavam nada incomum nas imagens. Berton posteriormente relata a Kelvin que a criança a que vira parecia muito com o filho de um dos cientistas desaparecidos.

Na cena seguinte Kelvin aparece queimando todos os seus pertences e conversando com seu pai sobre o futuro, sobre o fato de que a jornada do filho seria longa e ele nunca mais veria seu pai novamente com vida. É um momento em que Kelvin procura se desligar de toda a sua história passada, e tem de lidar com o fato de que não haveria mais futuro para ele ali. Era como se Kelvin estivesse caminhando rumo ao lago, mas dessa vez sem retornar.

No período de chegada à base, Kelvin acorda de um estado de transe, provavelmente devido ao processo de estase necessário para se concluir a viagem, para se deparar com a superfície oceânica de *Solaris*. O efeito de névoa novamente se faz presente, tanto na cena exterior à estação, a qual é muito similar com sua cena inicial na lagoa, como no interior da estação, ao adentrar o recinto. É como se o envolvimento nessa cortina de fumaça fosse um retraimento similar a um sonho.

Kelvin não é recebido pelos tripulantes, que reagem à sua presença com indiferença. Seu amigo, e um dos tripulantes, Dr. Gibarian (Sos Sargsyan), haviam se suicidado, enquanto os dois tripulantes remanescentes não compartilhavam informações e não eram receptivos com Kelvin. A base estava totalmente abandonada de cuidados e Kelvin, ao explorá-la via de relance outros tripulantes aos quais desconhecia completamente. Ao investigar a cabine de seu falecido amigo, Kelvin percebe fixada à porta, uma figura desenhada e a palavra “человек” (humano, em russo) escrita logo abaixo. A figura era de um ser humanoide com uma corda amarrada no pescoço em uma ponta e a outra como se fosse puxada ou fixada em algum lugar fora de cena, à direita do boneco. Essa representação pode ter uma conotação interessante, pois não parece remeter ao suicídio de Gibarian especificamente, mas talvez como sua visão a respeito da condição humana (não se sabe se seria sob aquelas circunstâncias ou de maneira geral) de estar presa pelo pescoço, subjugada por algo que a coíbe, como um cavalo com suas rédeas e o cabresto. O processo civilizatório pode ser uma forma de coibir o sujeito, de

colocá-lo à mercê de algo que o puxa, que o guia, que o força em uma determinada direção. Durante a cena seguinte, Kelvin assiste a um vídeo com a despedida de seu amigo, o qual finaliza dizendo “Eu sou o meu próprio Juiz” dando fim à própria vida. Reforçando a ideia de que ele não se submeteria a essa força que coíbe, decidindo rejeitar essa condição se desligando da vida.

Kelvin se reclui em seu quarto e cai em sono profundo, para depois acordar e se deparar com sua esposa Hari (Natalya Bondarchuk), que havia falecido há algum tempo. Surpreendentemente, ele não parece assustado com a sua presença, apenas questiona sobre como era possível ela estar ali. Ela, por outro lado, parece alheia à situação, e diz não se lembrar de nada. Ele então fica incomodado com a sua presença e tenta se livrar dela, jogando-a para fora da nave. Ato infrutífero, pois posteriormente ela reaparece a seu lado, como se nada tivesse acontecido.

A personagem de Hari é um complemento muito interessante ao de Kelvin. Ela, assim como Eco, é vazia de sentido fora da presença física e psíquica de seu parceiro. Mas diferente de Eco, Hari não é alguém que se esvaziou de si em prol do outro, respondendo com as próprias palavras do objeto amado. Ela só tem as palavras de Kelvin, porque ela é Kelvin. Ela é a manifestação da representação psíquica de Kelvin do objeto Hari. Ela é a Hari que ele amou, mas não é a Hari objeto real. Essa Hari faleceu, deixou de ser Eu que investe sua libido em objetos e cria, produz e vive. Ela não é nada mais do que as expectativas de Kelvin, pois este não saberia jamais o que Hari seria além do que ele conhecia dela, algo que seria explicado posteriormente pelo Dr.Sartorius (Anatoli Solonitsyn), um dos tripulantes da nave. Ela era incapaz de existir longe da presença de Kelvin. Em uma cena posterior, ele se afasta dela, provocando um desespero em Hari que faz o impossível para não sair de perto dele. Assim como Eco, sem ele, ela desapareceria. E ela não sabe o que está fazendo ali, porque Kelvin não sabe o que ela estaria fazendo ali. O que acontece durante toda a trama, na relação dos dois é o mesmo que o processo reflexivo que Kelvin fazia junto ao lago, na propriedade de seu pai. É o movimento psíquico que ele tinha ao pensar em suas angústias, no fato de não ter superado a morte de sua esposa, de não conseguir elaborar o luto, em lidar com sua ferida narcísica frente ao fato dela ter tirado a própria vida. Fato que ela repete durante a sequência do filme, ela tenta novamente tirar a própria vida, da mesma forma que anteriormente, pois ele não conseguia esperar nada mais dela, a não ser a repetição de tudo o que ela representava para ele. Ele se sentia culpado por isso e jamais superou. Ao ponto de tentar desinvestir toda a

sua carga pulsional nos objetos de sua vida, queimando seus pertences antes de seguir rumo a *Solaris*, inclusive sabendo que nunca mais veria seu pai.

O movimento psíquico que Kelvin fazia todos os dias no lago era algo privilegiado. Ele era capaz de se retrair frente às angústias da vida em um narcisismo secundário, mas se recuperar, se religar aos investimentos psíquicos do dia-a-dia, renovando-se para que buscasse novos ideais de Eu nas pulsões e em novos objetos. O ideal de Eu é uma função de grande importância no psiquismo, pois ela é fonte de renovação constante do Eu nos objetos investidos, “O ideal do ego é, então, algo externo a cada pessoa, uma exigência, uma condição que aquela terá como norma satisfazer.” (Bleichmar, 1985, pag. 66). Uma norma essencial. A norma que, tão cara a Tirésias, possibilitou-lhe ver para além de sua própria imagem, renovando e reorganizando o seu Eu em contato com o mundo externo. Interessante esse local de reclusão e recuperação ser relacionado a uma figura parental. No ambiente familiar ele conseguia se recuperar. Mas chegou um momento que isso não foi suficiente.

Após a cena com Hari, Kelvin se encontra com Dr. Snaut (Juri Jarvet), um dos cientistas remanescentes. Ele explica a Kelvin que *Solaris* é um ser vivo e que estaria provocando tais anomalias na estação apenas como uma reação a uma agressão anterior por parte dos cientistas, que utilizaram de carga nuclear para tentar contato com o planeta. Essa atitude invasiva por parte deles, provocou uma resposta similar em *Solaris* que responde visualmente ao contato com os humanos através de sua superfície, às vezes agitado, quando provocado, às vezes calmo, com a superfície plana. Se pensarmos em *Solaris* como o lago de Narciso, ou seja, a manifestação do próprio conceito de narcisismo, poderíamos pensar que quanto mais calmo *Solaris* ficasse, mais retraído seria o narcisismo, pois não haveria frustrações nem incômodos, o reflexo de si mesmo, fechado, investido em si, pulsão desligada do objeto e retraída. A agitação de *Solaris* remetia aos ataques que ele sofria do mundo externo, afinal, todo o contato era invasivo.

Os cientistas então discutem com Kelvin o que deveriam fazer, tentar se comunicar de novo com *Solaris*, dessa vez usando Kelvin para comunicar diretamente com a entidade, ou ataca-lo mais uma vez com energia nuclear. Eles decidem usar as ondas cerebrais de Kelvin para tal. Esse momento é crucial na lógica de Narciso. Se *Solaris* era uma representação do narcisismo de Kelvin, ligar-se a ele seria o fim, pois acalmando *Solaris*, este representaria o retorno aos primórdios da infância de Kelvin, este se entregaria a um período originário mítico, ao qual desconheceria toda a dor e o sofrimento que vieram depois. E é o que acontece. Kelvin cai no sono e sonha com sua mãe e com a lembrança que tinha dela

cuidando dele quando criança. Cuidando de suas feridas, livrando-o de todo mal. Ao acordar, ele percebe que Hari desapareceu e os cientistas avisam que *Solaris* havia se acalmado e que sua superfície estava tão plana, que ilhas se formavam no planeta. Kelvin indaga-se, mais uma vez, se voltaria à Terra ou se ficaria para sempre em *Solaris*. Decide pelo último e desce até a sua superfície, mergulhando completamente em sua danação, assim como o fez Narciso.

Kelvin se vê novamente na propriedade de seu pai. O lago que anteriormente significava reclusão momentânea, renovação e ponderação, agora está congelado, estático, imutável, passando a representar o que a figura de seu pai demonstra, completa alienação e indiferença às representações mais primordiais: dissolvendo-se em um fluxo de água que jorra pelo forro do teto da casa, inundando a sala, como se tudo estivesse se desfazendo. E estava, diante da incapacidade de mudar de Kelvin, de lidar com suas angústias e investir sua pulsão em outros objetos, reformulando e reorganizando, escolheu o imutável, o lago congelado de superfície plana, presa no reflexo de si mesmo. E todo o processo que passou na infância, de simbolização, de representação da lei, do ideal de Eu, era como se tivesse se desintegrado, assim como seu pai e seu lar, derretendo na chuva dentro da casa.

Tanto Narciso quanto Kelvin tiveram um final trágico ao se desligarem do mundo, desinvestindo a pulsão nos objetos da vida de relação e se investindo em seu próprio Eu em um processo de narcisismo secundário. A principal diferença entre eles, no entanto, é que Narciso não possuía tantos recursos psíquicos para reinvestir sua libido no objeto. Narciso era indiferenciado de sua mãe, a qual não permitiu que o filho se reconhecesse como alguém separado de seu Eu. Ele não constituiu um Eu coeso e plástico. Isso devido ao fato de que não foi investido adequadamente por seus objetos primordiais. Tanto o de frustração necessária, e nem o de amor suficiente. Não houve equilíbrio dos investimentos vindos de Liríope. Além do fato de que a ausência de um outro interditor não apresentou a possibilidade de constituir um ideal de Eu para que Narciso tivesse uma referência a ser seguida pela vida, pois o ideal é o que “ (...) coloca o sujeito numa posição de privilégio: passa a ser aquele que se integra com os méritos do ideal enquanto é seu defensor. O brilho do ideal cai sobre o sujeito e seu narcisismo se nutre de ver-se como zeloso custódio daquele. ” (Bleichmar, 1985, pag. 56). O que possibilitaria a ele se vincular a outros objetos e sempre se reatualizar. Narciso não teve nem a possibilidade de escolha.

Já Kelvin teve escolha. Ele conseguiu ter estímulos suficientes para que seu Eu se organizasse o suficiente para que seu narcisismo conseguisse lidar com os traumas gerais da vida, mas não a da ferida narcísica que o suicídio de sua esposa provocou nele. O lago de seu

pai era uma simbolização de seu narcisismo secundário, como um retraimento necessário que ele buscava, para se enlutar, para tentar se curar e retornar em seguida para novos investimentos na vida de relação. Porém, isso não foi suficiente para o grande trauma que foi perder sua esposa. Esse recurso já não era suficiente. Então ele desligou-se completamente de suas relações, desinvestiu de todos os objetos, queimando seus pertences e se distanciando de seu pai. Sua angústia era tanta que ele não achou outro recurso senão o de se retrair completamente, buscando o retorno ao momento primordial, o de ausência de sofrimento. Depois de se desligar de suas representações mais atuais, culminando com a despedida da figura real de seu pai, ele parte para *Solaris*, mergulha no processo de regressão, no lago de Narciso, ao qual ele vai se desinvestindo de suas representações mais significativas. Primeiro de sua esposa, em seguida, de sua mãe, que aparece na cena seguinte à que Kelvin se conecta mentalmente com *Solaris*, e que representava o momento (sem retorno) de sua condição narcisista. No sonho que teve, ela cuida de suas feridas, curando seu corpo automaticamente, mas não somente de suas feridas dos males do mundo, mas de toda a vida. Esse movimento de retorno o privou de toda a frustração necessária, que faz parte do processo essencial de ressignificação e reelaboração do Eu.

Por fim, Kelvin precisou de uma regressão muito maior para se afogar em seu próprio narcisismo, pois o seu processo de organização do Eu era muito mais avançado. Já Narciso não dispunha de tantos recursos elaborados para se perder em si mesmo, culminando em uma batalha muito mais fácil de ser perdida do que a de Kelvin, que apesar de ter muito mais recursos para se defender, teve o mesmo destino de Narciso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo narcisismo sofreu várias mudanças de sentido durante os anos. De uma perversão sexual, passou para um amor exacerbado por si mesmo até uma visão do senso comum de atribuir a uma pessoa orgulhosa e indiferente, que só pensa em si mesma, com a nomenclatura de narcisista. Até na Psicanálise o termo variou de sentido. Isso sem citar que a origem do termo vem da mitologia greco-romana, datada de milhares de anos, em que o pobre mancebo Narciso foi vítima dos deuses por ser belo demais. Mas, como vimos, não foi bem assim.

Foi mostrado nesse texto que o narcisismo vai muito além do culto à própria imagem, da inveja e da soberba. Vimos que na Psicanálise, o narcisismo vai muito além de um processo primário e primitivo do aparelho psíquico, que não é uma doença psíquica e que todos os seres humanos possuem em sua integridade psíquica algum nível de narcisismo. Pois este não é um déficit de funcionamento do Eu, muito pelo contrário, é um recurso privilegiado que nós humanos temos para lidarmos com as expectativas diárias, as frustrações inevitáveis. Quando bem organizado, o Eu usa do narcisismo para se defender das tensões externas e internas. A relação entre o Narcisismo e o Eu são essenciais para uma saída saudável do Complexo de Édipo, o qual possibilitaria a identificação com o outro primordial, como sendo um Eu ideal, até ser introjetado pelo aparelho psíquico como um ideal de Eu, que culminaria com a instituição do supereu e da autoestima.

Vimos também que o mito encontra paralelos em muitas histórias criadas pelo cinema. Tanto o mito de Narciso quanto o filme *Solaris* representam em sua trama características reconhecidas no narcisismo. Ambos abordam os mesmos temas presentes no conceito de narcisismo, mas cada um à sua maneira. O mito fala de Narciso em uma posição primitiva, que seria injusto se fosse tratada como uma posição regredida do Eu, pois este nem chegou a se constituir de maneira suficientemente coesa. Já o filme trata de Kelvin, um personagem ao qual se viu regredido em seu psiquismo em um narcisismo secundário, como defesa ao desprazer, à angústia severa, de lidar com os traumas da vida. E nesse processo, foi incapaz de superar a dor e aniquilação do Eu. Duas vítimas, duas trajetórias, mesmo destino. Isso foi apenas um pequeno exemplo das possibilidades de elaboração psíquica, da forma que o sujeito lida com o seu próprio narcisismo, dada à alta complexidade com que são constituídos os sujeitos.

Tanto o mito de Narciso, quanto o filme *Solaris*, são obras marcadamente ricas e complexas que tratam do vínculo entre os indivíduos. O paralelo traçado nessa monografia

pretendeu mostrar que ambos instigam emoções e reflexões que remetem à própria condição humana em sua imersão no coletivo, mostrando como as produções culturais expressam o reflexo da história psíquica do autor e dos vínculos que teve com suas figuras significativas. Ao terminar esse texto, julgo que estou mais consciente do quanto sua escrita ajudou-me a vislumbrar a grandeza do conceito de narcisismo dentro do edifício teórico da psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEICHMAR, H. *O Narcisismo. Estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREUD, S. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GUASCO, L. *A lenda de Narciso*. São Paulo: Scipione, 2008.

HORNSTEIN, L. *Narcisismo. Autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Via Lettera, 2009.

Internet Movie Data Base sobre o filme Solaris (1972). Disponível em:

<http://www.imdb.com/title/tt0069293/?ref_=fn_al_tt_1> Acesso em 9 de Junho de 2017.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.